

por nenhum credor. A própria lei já não conhecerá severidade alguma. "A abundância dos camelos te esmagará", anuncia o profeta aos pobres judeus que sofrem; "os camelos novos de Midian e Epha virão todos de Sabá, carregados de ouro e incenso".

Até a natureza inimiga, que sempre ameaça os homens, será outra depois dessa grande revolução dos tempos. Transfigurada, transformada e purificada de todo mal, libertará os homens da continua ameaça de sua avareza, que sempre lhes fazia temer o flagelo da fome. Os próprios animais ferozes servirão o homem, como a seu dono. A criança poderá brincar confiadamente com a víbora e o cordeiro andar pastando em meio dos lobos.

Antiquíssimas inscrições babilônicas descrevem essa prosperidade da natureza, que virá com a era da salvação; nesta, tôdas as colheitas são fartas; o trigo viceja; a cana cresce cada vez mais alta; as árvores dão frutas maravilhosas; o gado fecundo multiplica-se; os famintos saciam-se; os enfraquecidos se fortalecem; as mulheres parem sem dificuldade; os doentes curam-se e, em meio da felicidade geral, os próprios anciãos dançam de prazer e de alegria.

O profeta Amos proclama aos Judeus que, no dia da Salvação, a cidra escorrerá de tôdas as montanhas e o leite correrá de cada lomba. O apocalipse de Baruch eleva ainda mais essas esperanças e celebra o tempo em que cada videira terá mil ramos, cada ramo mil cachos, cada cacho mil bagos e cada bago "dará uma pipa de vinho". Os rabinos posteriores pintam o reino da redenção em côres ainda mais vivas. Lá, o homem, até agora tão pequeno e acanhado, atingirá o tamanho dum gigante de trezentos côvados de altura e que dominará tudo. A altura do trigo ultrapassará a das montanhas. Um grão de trigo terá o tamanho de dois rins de boi e um cacho de uvas encherá um navio inteiro.

A despeito de todo o exagêro dessas fantasias que interpretam as aspirações humanas, falta a seus quadros algo daquela força criadora nascida da mais profunda experiência das almas, daquela força que anima as visões do mêdo primitivo. A harmonia que reina aqui, estranha a qualquer experiência, a amplificação mecânica inventada por processos racionais, o aumento, enfim, de tôdas as proporções, com o único fim de simbolizar a felicidade e a abundância, não conseguem dissimular que procedem do sistema de defesa conciente edificado contra o mêdo.

Ao passo que o mêdo faz surgir, na existência, como que por encanto, a qualquer momento, por tôda parte, suas figuras terríficas, sempre vivas e atuais, a fantasia empresta as côres dos seus sonhos de libertação a uma época mítica, fora da história. Aqui, a idéia que nós fazemos dum paraíso no princípio das coisas é que passa a ser projetada no futuro, sem quasi modificação alguma.

As mais diversas civilizações alimentam sempre a idéia de que, em virtude duma lei preestabelecida, desde o princípio das coisas, no ritmo do universo, êsse reino de salvação terá de advir depois de decorrido determinado período, perfeitamente calculável.

Os sacerdotes babilônicos descreviam a evolução do cosmos como uma espécie de movimento circular, em que épocas de maldição e de bênção, de decadência e de renascença tinham de suceder-se alternadamente, a intervalos regulares. Do mesmo modo, os antigos Persas acreditavam numa série de "peripécias" de mil anos cada uma. No fim daquela série, depois de esgotado o círculo dos quilibrios é que devia despontar a aurora do reino da Salvação.

O livro de Daniel, em que se baseiam as esperanças de salvação judeu-cristãs, anuncia "quatro reinos que sobrevirão na terra". Uma vez terminado o quarto desses reinos universais terrestres, Deus inaugurará, por fim, no "quinto reino universal" seu império sobre a família humana e sobre a natureza.

Segundo São Jerônimo, que vivia nos primeiros séculos do cristianismo, devia-se compreender por aqueles "quatro reinos universais", o babilônico, o medopersa, o macedônico e por último, o império romano. Esta interpretação dominou durante séculos as especulações da cristandade.

Inúmeras, também são as tentativas de interpretar o vigésimo capítulo do Apocalipse, no qual se trata dum reino dos justos que duraria mil anos. Para fixar a data da Salvação, esforçam-se os homens incessantemente, tomando como base de seus complicados cálculos as palavras enigmáticas contidas na revelação e que falam em "1260 dias", em "sete castiçais" e nas "sete taças da cólera divina". Outras vezes, pela exegese duma epístola atribuída ao apóstolo Barnabás, interpretam alegoricamente a descrição da Criação na Gênese e tentam provar que, depois dos "seis dias", que correspondem cada um, a uma época completa da história, advirá, com o sétimo, com o "dia de repouso", a eliminação definitiva de todo sofrimento e de qualquer mêdo.

Contudo, está o mêdo tão profundamente arraigado na imaginação; cada produto da criação lhe parece tão falho e sujeito aos poderes demoníacos, que se torna impossível conceber a redenção do mundo senão pelo preço da aterradora perspectiva duma prévia catástrofe universal. Em primeiro lugar, esta formidável catástrofe terá de destruir todo o cosmos existente, antes que um novo mundo, purificado de tôdas as angústias, possa renascer "tal uma aurora brilhante depois duma noite escura".

Na base de cada idéia de redenção, encontramos, pois, a noção da destruição e da ressurreição purificadora. Não é menos primitiva